

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: P1X - Quarup Natives

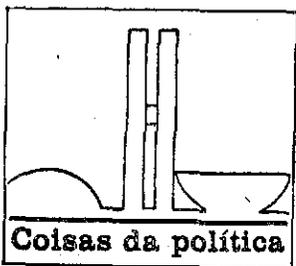
Data: 21/08/85

Pg.: 22

1990 O lado oculto do Quarup

João Santana Filho

SOB inspiração de jovens e eficientes lideranças tribais, índios do Alto Xingu aproveitaram o Quarup, ritual de superação da morte, para um colóquio com seus mais perigosos fantasmas — os brancos. Para isso, os caciques e pajés de nove tribos remanescentes dos grupos lingüísticos aruak, caribe e tupi, não hesitaram em correr o risco de uma quase imolação simbólica — o perigo de profanação do seu ritual mais sagrado — e levaram para a aldeia Yawalapiti, onde moram apenas 110 índios, perto de 100 “brancos” das mais diversas procedências. Tinha mais transa política, do que metafísica, neste Quarup. E mais rabiscos para uma nova prática de luta, do que simples reavivamento de traços culturais retidos na memória coletiva.



Coisas da política

A abertura do último Quarup para políticos (três ministros de Estado estavam presentes), militares e jornalistas, faz parte de uma meticolosa armação política que vem sendo tocada por jovens caciques, como é o caso de Aritana, chefe dos Yawalapiti, e intelectuais índios, como Marcos e Jorge Terena. Ela extrapola a área do Parque Nacional do Xingu — com suas 29 aldeias e 16 grupos indígenas — e se ramifica pelo Parque Indígena Araguaia, na Ilha do Bananal. Esta articulação, que visa em primeira etapa à Assembleia Nacional Constituinte, já produziu três candidatos: o índio Idjarruri Kanejá, escolhido há poucos dias pelo conselho de tribos da Ilha do Bananal, além de Megaron Txukarramãe e Yanuculá Kamayurá, do Parque do Xingu.

Em setembro, eles se filiarão ao PMDB e vão fixar domicílio eleitoral nos três Estados onde pretendem concorrer à Constituinte. Idjarruri disputará votos em Goiás, Megaron em São Paulo, e Yanuculá no Rio de Janeiro, em pleno confronto com o controvertido cacique Mário Juruna. Mesmo tendo que ir na mina de votos dos centros mais politizados, a trajetória de Idjarruri, Megaron e Yanuculá diverge radicalmente da trilha seguida pelo cacique xavante, que fez um arco entre o épico e a chanchada.

Megaron, Yanuculá e Idjarruri são representantes acabados de um processo de formação de elite política indígena que, inicialmente deflagrado por antropólogos não contaminados pelo paternalismo dos irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas, ou pelo autoritarismo da

Funai, ganhou curso próprio no interior de algumas aldeias. Durante a ditadura militar, eles se prepararam quase silenciosamente. Com o novo Governo, começaram a ocupar postos-chaves (Megaron e Yanuculá são dirigentes do Parque do Xingu), e, com a proximidade da Constituinte, partem para a luta com as armas do branco. O Quarup do último fim de semana, não fosse um acidente de percurso, seria o momento do anúncio público desta investida.

Estava prevista uma reunião secreta, na madrugada do domingo, entre estas jovens lideranças e os caciques das aldeias Kamayurá, Meheinaco, Waurá, Matipu, Nafukua, Kalapalo e Kuikuro, na qual se discutiriam os principais problemas enfrentados pelas tribos, e as conclusões; junto com o lançamento das candidaturas dos índios à Constituinte, seriam divulgadas ao término do ritual do Quarup. A reunião foi cancelada no sábado, por sugestão de Yanuculá, quando os índios foram informados de que o Ministro Ronaldo Costa Couto, sem consultá-los, convidara Orlando Villas-Boas para a festa.

As jovens lideranças do Xingu sentiram-se desrespeitadas pelo Ministro — afinal, a casa é deles, e a eles caberia escolher seus convidados, principalmente tratando-se do indigenista, **persona non grata** aos novos líderes do parque. Apesar de o desgosto ter sido mantido oculto dos ministros e de outros visitantes, o incidente pode ter aumentado o pequeno fosso que começa a se instalar entre Costa Couto e os líderes indígenas. Ele remonta à indicação do Sr Gerson Alves para a presidência da Funai — na verdade, feita à revelia do Ministro — e se agravou com a informação recebida, há poucos dias, de que alguns assessores de Costa Couto defendem a aplicação do critério de “medição de indianidade”, método idealizado pelo Coronel Zanoni, ex-dirigente da Funai, para distinguir, através de um questionável teste sanguíneo, os “índios puros” dos “impuros”.

Ao tentar a implantação deste método, em 1981, o Coronel Zanoni visava a uma espécie de extermínio político de milhares de índios, pois os considerados “impuros” perderiam os direitos assegurados por lei. “Em vez de medir nosso sangue, o Governo tem que medir nossas terras e demarcá-las. São ameaças como esta que nos alertam para a necessidade de ocupar espaço na Constituinte. Vamos investir tudo nesta luta, pois, caso não façamos isso, pode até mesmo ser alterado o Artigo 198 da Constituição, que protege nossas terras”, confessava um líder tribal, na noite fria da aldeia Yawalapiti. Uma revelação que não chegou aos ouvidos dos ministros, que se encantavam com a beleza plástica do Quarup.

João Santana Filho é chefe da Redação do JORNAL DO BRASIL em Brasília.